

O QUE DIRIAM OS ANIMAIS SE...¹

Vinciane Despret

Tradução de Cícero de Oliveira

No *Morning Herald* de 14 de fevereiro de 1829, podia-se ler o seguinte: uma mulher do vilarejo de Mansfield, na Inglaterra, havia prometido a uma amiga muito próxima, em seu leito de morte, que colocaria em seu caixão um pacote de cartas outrora escritas por seu finado filho. Ora, no desespero da dor, ela havia esquecido. Desolada ficou até que, pouco tempo depois, o carteiro dessa mesma cidade vem a falecer. Ela, então, foi ver a família deste último, e pediu-lhe permissão para colocar as cartas em seu caixão: sabia que poderia confiar no fato de que ele seria um carteiro tão diligente no outro mundo quanto o havia sido neste.²

Começar uma conferência que tratará dos animais com essa história é, no mínimo, estranho, e alguns de vocês devem sem dúvida estar se perguntando se não se enganaram de sala. Outros devem imaginar que fui eu quem se enganou de sala, ou de título, ou de histórias.

Se escolhi começar por essa história, é porque ela constitui o elo que existe entre o projeto de pesquisa que desenvolvo há algum tempo, que consiste em interrogar, ler e escutar as pessoas que perderam alguém, e um outro, de mais longo prazo, que me leva a interrogar, observar, escutar e ler as pessoas que trabalham com animais. Pois há um ponto comum entre a história que ocorreu com essa senhora (e eu poderia contar diversas outras que apresentariam os mesmos traços) e aquelas às quais lhes convidarei a ouvir, deixando de lado o fato de que elas são povoadas por seres que fazem coisas aparentemente um pouco bizarras. Direi em duas ou três palavras: os dois projetos de pesquisa me ensinam

¹ Conferência proferida dentro das Grandes conferências de Liège (Bélgica) em 17 de janeiro de 2013. Agradecemos à autora por autorizar esta publicação.

² Exemplo citado em RICHARDSON, Ruth. *Death, Dissection and the Destitute*. Chicago: University of Chicago Press, 2000, p. 4.

incessantemente que a vida nos torna inventivos e, mais particularmente, de uma forma que eu diria privilegiada: ela não para de fabricar *laços*³ e de nos fazer fabricá-los. A vida, sob todas as suas formas, inclusive a vida em período de morte e de luto, ou, como em nossos dias, em período de graves perigos e de extinções maciças, leva os seres a criarem laços. Essa senhora, amiga da defunta, foi mobilizada por alguém que havia morrido e, por sua vez, mobilizou outra família, e criou outros laços por meio de mortes interpostas – o filho que escreveu as cartas, a mãe dele, o carteiro, e sabe-se lá deus ainda quantas pessoas puderam, assim, ser implicadas nessa história. Podemos imaginar que a família do carteiro sentiu um pouco de orgulho com relação a essa missão, que esse pedido constituiu um testemunho de homenagem ao falecido, que isso introduz imaginário e esperteza num período bem triste, e que esse intercâmbio de circulação de bens que fazem laços (pois cartas são um testemunho material de laços, e elas fabricam laços um pouco excepcionais, dado que são perenes e que cada leitura as reativa) pode revelar-se um gesto que consola e reconforta um pouco, em todo caso, que reinsufla vida num momento em que ela parece se ausentar. E podemos, em última instância, imaginar que esses laços também me fazem fabricar histórias, em continuidade ao jornal *Morning Herald*, e à antropóloga que veicula esse artigo, laços estes que poderão tocar outras pessoas.

Não digo que eles têm a mesma realidade ou o mesmo teor em realidade, mas são laços que se tecem e que colocam seres em conexões diversas, inventivas, vivas, divertidas mesmo, pois essa forma de falar dos mortos tem algo de divertido e de sério ao mesmo tempo, conexões tão vivas que tornam os defuntos ainda presentes, de modos criativos: uma presença que traduz bem o fato de que eles continuam a mobilizar e a fazer coisas àqueles que aqui ficam. As cartas de uma conversa interrompida continuam circulando e ligando seres em novas conexões.

³ [N.T.] Grifos nossos. Em francês, *liens*, vocábulo que pode ser traduzido por “laço”, “ligamento”, “ligação”, “elo”, “vínculo”, “conexão”, “relação” dependendo do contexto. Neste texto, procurou-se usar todas essas acepções que a tradução para o português comporta, tendo em vista tornar a leitura mais fluente e agradável, tal como o texto original.

São laços que carregam histórias, no duplo sentido do termo: o de história e o das histórias, que são laços que tecemos entre os acontecimentos que lhes dão um sentido, dentre as quais algumas encantam o mundo.

Precisamos dessas histórias.

A antropóloga Deborah Rose,⁴ especialista nos aborígenes do norte da Austrália, escreve, num livro dedicado aos cães selvagens, que o amor em tempos de extinção nos obriga a colocar outras questões, a encontrar outras histórias, a criar outros laços. Creio que é o que está acontecendo aqui e acolá, em nossa relação com os animais. Nossa história com eles está mudando, e as histórias que contamos sobre eles, as histórias que recolhemos observando-os, escutando-os e aprendendo a lhes responder, também estão mudando.

Sem dúvida, deveríamos considerar pensar os termos de nossa história naqueles de uma ecologia da atenção e do tato, uma ecologia que pensa os seres nos laços que eles tecem juntos, e que os tornam, com um pouco de sorte, menos perigosos uns para os outros.

Assim, para partir da junção tênue que tentei construir entre meus dois projetos de pesquisa, e para entrar agora plenamente no mundo das relações entre os animais humanos e os animais não humanos, poderia fazer uma breve alusão a essas práticas nas quais os seres humanos e os animais aliam-se em circunstâncias de morte.

No livro altamente autobiográfico do escritor chinês Jiang Rong, *O totem do lobo*,⁵ ficamos sabendo que na Mongólia do Norte, onde o autor foi exilado, ainda jovem estudante, e onde ele viveu alguns anos com um grupo de pastores nômades, os lobos e os criadores nômades que coabitam na estepe têm entre eles, em certa medida, um contrato tácito: quando um membro da comunidade morre, seu corpo é depositado no limiar do território dos lobos. Somente o fato de ser comido por estes últimos permite à alma ser liberada do corpo e ganhar outros lugares, onde ela se juntará aos deuses. Da mesma forma (e isso mesmo se as

⁴ ROSE, Deborah. *Wild Dog Dreaming: Love and Extinction*. Charlottesville and London: University of Virginia Press, 2011.

⁵ RONG, Jiang. *O totem do lobo*. São Paulo: Sextante, 2008.

relações podem às vezes ser de uma violência rara quando os lobos atacam o rebanho, os cães e os cavalos), os pastores mongóis cuidam da sobrevivência dos lobos. Eles os combatem corajosamente, pois se trata de sua própria sobrevivência, e zelam por eles, pois também se trata da sua sobrevivência. Eles sabem que o desaparecimento do lobo da estepe destruirá o equilíbrio ecológico instável desta última, porque os ratos, que são a presa dos lobos, proliferarão e destruirão os recursos, e porque os lobos regulam o número de herbívoros selvagens migratórios que, durante as grandes migrações de primavera, concorrem com o gado dos pastores. Sem os lobos, a estepe seria devastada por cada um no momento de sua passagem. Os homens dessa comunidade sabem ainda que o desaparecimento do lobo comprometeria de maneira irreversível a sobrevivência das almas daqueles que morrem. A ecologia e a cosmologia formam aqui um só e único termo, e sem dúvida deveríamos falar de cosmoecologia que une, assim, destinos interligados dos homens, dos deuses, dos lobos e do gado.

Essa história encontra ecos em outros lugares. Bem recentemente, li que na Índia, em Mumbai, os abutres, que atualmente estão em via de extinção, vão ser convidados a voltar, serão alimentados e protegidos. Recuperando uma prática antiga, os iniciadores indianos do projeto propõem que os abutres possam novamente cumprir o trabalho funerário que lhes foi por muito tempo devotado: foram eles que, durante muito tempo, encarregaram-se do tratamento dos corpos dos defuntos, homens e animais. O apelo aos abutres e o projeto de fazê-los voltar mostram-se urgentes, pois os numerosos corpos não encontram mais lugar e começam a constituir um verdadeiro problema de higiene pública. Mais interessante ainda, é preciso saber o que causou o desaparecimento dos abutres. Como as vacas são sagradas, elas não podem servir de alimento. Quando morriam, é aos abutres que se confiava o cuidado com os corpos dos animais. Ora, há alguns anos, deu-se ao gado medicamentos para aliviar problemas inflamatórios – o *diclofenac*, um medicamento análogo àquele que chamamos Voltaren. Ora, esses medicamentos revelaram constituir-se como verdadeiros venenos para os abutres, pois obstruem seus rins de maneira fatal. A população dessas aves, então, diminuiu

drasticamente: entre 1994 e 2004, 97% da população de abutres desapareceram. Os iniciadores do projeto propõem, imediatamente, a construção de um vasto sítio para os pássaros, onde eles serão alimentados e onde poderão retomar seu trabalho funerário tão útil. Mas mais interessante ainda – e é aí que encontramos as condições daquilo que hoje propus chamar de uma ecologia da atenção, do tato e da preocupação, uma ecologia responsável –, será pedido aos seres humanos que desejarem a ajuda dos abutres para o último ritual, de absterem-se durante os dois últimos meses de vida de tomar medicamentos. As pessoas serão suficientemente responsáveis para se comprometerem com isso?

Esse tipo de questões requer não apenas uma indagação abstrata, mas requer que sejam vivenciadas. Se as pessoas quiserem que os abutres cuidem delas, eles devem aprender a cuidar deles. Não é – e esta é a razão pela qual escolhi este exemplo e não outro – uma exigência de reciprocidade ética. É uma exigência ecológica e pragmática.

Nos cientistas que observo, interrogo ou leio há alguns anos, encontro essa exigência de reciprocidade pragmática uma forma relativamente análoga: eles sabem que não aprenderão nada de interessante sobre seus animais se não elaborarem questões suscetíveis a interessá-los. E eles sabem que eles mesmos só serão cientistas interessantes se conseguirem tornar seus animais inventivos, interessantes, surpreendentes.

Se esse ou aquele cientista volta de uma pesquisa com os pinguins concluindo que esses animais são realmente estúpidos e que não há nada de bom para aprender sobre eles, não há como evitar a sensação de uma história meio fracassada. Se um ou uma cientista nos conta, depois de ter passado certo tempo observando carneiros, que eles não são tão gregários e simples como se pensou até hoje, e que eles suscitam bem mais questões e questões bem mais complicadas do que aquelas que tínhamos feito até hoje, não somente esse ou essa cientista será interessante, mas provocará o interesse de outros cientistas, que, por sua vez, incluirão carneiros em outras pesquisas, as quais, por si só, suscitarão novas teorias,

novas histórias para os carneiros e, de forma mais ampla, novos laços entre eles e nós.

Se estou falando de carneiros é porque trata-se de um caso exemplar de sucesso deste tipo. E para fazer a ponte disso com o tema que guia nosso encontro, diria que os carneiros, com a pesquisa que lhes foi dedicada nesses últimos anos, ganharam, se beneficiaram de outras histórias.

Mas como tornamos um animal interessante de maneira confiável? Como construímos novas histórias que deem testemunho daquilo que eles fazem e são, de forma que sigam simultaneamente as exigências da prática científica e que se submetam àquilo que possa interessar os carneiros?

Vou me restringir a alguns detalhes dessa história.

Ela começa no final dos anos 1980, quando Thelma Rowell – uma primatologista experiente, professora na universidade de Berkeley (Califórnia), que começou a trabalhar com os babuínos no começo dos anos 1960, e que, desde então observa incessantemente os macacos – se colocou uma simples questão: os macacos são realmente mais inteligentes que os outros animais? Sabemos que eles fazem amigos, que criam alianças, que podem manipular os outros, que podem mentir (o que é um sinal bem grande de inteligência social), que alguns deles podem atribuir intenções e crenças aos outros (dizemos que eles são mentalistas), que eles são socialmente muito organizados, que se reconciliam em casos de conflitos, que utilizam ferramentas, que têm práticas culturais, alguns deles são até mesmo competentes farmacólogos, capazes de conhecer uma infinidade de plantas que curam doenças que vão do paludismo às infecções intestinais, alguns deles, por fim, dentre os chimpanzés, inventaram armas (destaco que esta gloriosa invenção é um feito das fêmeas), e muitos outros talentos ainda. Ora, diz a primatologista, se consultarmos a literatura sobre os carneiros (que são o contraexemplo por excelência neste campo), o que se diz? Que eles não se reconhecem individualmente, que não estabelecem relações de longa duração e não parecem marcar preferências por certos congêneres (os carneiros não têm amigos), que são hierarquizados muito rigidamente e que suas interações se limitam a pastar juntos;

ou, muito ocasionalmente, isto é, durante o breve período de cio, a brigar pelas fêmeas. Os carneiros seguem uns aos outros muito estupidamente, e, quando o lobo os ataca, jogam-se também estupidamente nas ravinas.

Mas, diz Thelma Rowell, não se trata aí do sintoma daquilo que poderíamos chamar de um escândalo hierárquico? Os macacos têm histórias, histórias complicadas, não param de tecer, cuidar e reparar laços, e até mesmo têm uma história no presente, porque os arqueólogos constituíram um passado de inventores de ferramentas e de práticas culturais para eles. Os carneiros não têm história, a não ser as anedotas pouco gloriosas que contamos a respeito deles. Mas, se refletirmos mais profundamente, diz Thelma Rowell, e compararmos as questões que lhes colocamos, o que se vê? Que elaboramos questões inteligentes aos macacos, nos fundando no fato de que, como eles são nossos primos mais próximos, era evidente que poderíamos assim agir. E como eles respondiam com sucesso a essas questões, elaboramos questões ainda mais complicadas. É isso que chamamos de um círculo virtuoso. E o que perguntamos aos carneiros? Para dizer de maneira simples: como eles convertem grama em carneiro assado. Alguns cientistas, certamente, elaboraram outras questões, sobre o apego, as possibilidades de eles se reconhecerem, mas nada encorajador advinha dessas pesquisas, e continuávamos, então, a lhes dar grama e a indagar-lhes como eles comem, o que preferem comer etc.

Thelma Rowell decidiu, então, que se quisermos comparar os macacos aos carneiros, o primeiro passo seria fazer aos carneiros as mesmas perguntas que fazemos aos chimpanzés, mas, sobretudo, e vocês verão que isso é importante, reunindo condições que permitissem aos carneiros realmente estar aptos a respondê-las. E foi o que ela fez, desde então. Nesse meio tempo, Rowell se aposentou, não deve estar mais dando aulas, mas, como acontece com inúmeros pesquisadores, a aposentadoria não modificou realmente sua vida, e ela continua suas pesquisas, tendo ido morar numa região no norte da Inglaterra, com um rebanho de ovinos.

Fui visitá-la e observar com ela os carneiros. Um detalhe de minhas observações me marcou: todas as manhãs, a pesquisadora leva, no prado onde vivem os 22 animais, as vasilhas do café da manhã, uma espécie de complemento alimentar, que não é realmente necessário, mas que é bastante útil. Como Thelma escolheu uma raça de carneiros bem selvagens, isso lhe permitiu aproximar-se deles para observá-los de perto, e tende também a tornar as interações um pouco mais numerosas e visíveis. O que é intrigante, contudo, é que Thelma Rowell leva 23 vasilhas a seus 22 carneiros. Há sempre uma a mais.

Porque essa vasilha supranumerária? Deixemos de lado uma hipótese fantasiosa, mas não tão fantasiosa assim: Thelma Rowell reservaria uma vasilha para si mesma – ela adotaria, então, a prática antropológica de partilhar a refeição com aquele que observa. Fantasiosa, sim, pois as práticas das ciências naturais têm por uso conservar certa distância com os seres observados, pelas razões mais diversas, que atêm-se à exigência de objetividade ou a razões práticas, que remetem ao fato de não se misturarem muito com seus assuntos e não se misturar muito aos deles. 23 vasilhas para 22 carneiros, então. Para quem é a vasilha supranumerária? Para os 22 carneiros, é claro. Outra razão pode, então, se impor. Thelma Rowell queria evitar a competição. Se for esse o caso, duas interpretações poderiam, então, ser evocadas. Por um lado, poderíamos vislumbrar, numa leitura crítica, um motivo que poderia resumir, de forma bem simples, o tipo de motivo que entusiasmou bom número de comentadores das práticas de história natural: a pesquisadora privilegiaria, em suas observações, aquelas que iriam ao encontro de suas próprias preferências políticas. Nota-se, na história natural, que muitas vezes os pesquisadores podem ter uma teoria sobre a maneira como os animais se comportam. E nota-se também que, se um pesquisador pensa a competição ou a hierarquia, por exemplo, é importante que ela possa dar conta da organização social deles, ele terá tendência a privilegiar, em suas observações, aquilo a que sua teoria o preparou para observar. Em contrapartida, os exemplos abundam, também, se o cientista pensa que a solidariedade ou o apego aos membros do grupo e suas relações afiliativas explicam os comportamentos de seus animais, ele tenderá a se

focar nos eventos que dão testemunho disso. E cada um desses pesquisadores partirá para o campo com uma teoria, da qual nos damos conta de que, de fato, é já uma história que vai, a partir daí, produzir outras. Pois as teorias são e fabricam histórias. Certamente, toda teoria é uma ferramenta explicativa do mundo, mas é também uma história que é proposta. E cada situação de campo, cada laboratório experimental, torna-se lugar que produz histórias que vão, por sua vez, produzir outras.

Toda teoria é, neste sentido, uma matriz narrativa: uma matriz no sentido em que ela gera histórias, e também no sentido de continente à espera de conteúdo: cada matriz vai, a partir daí, inscrever certos fatos, juntá-los, e ocultar outros. E essa matriz de histórias importa, pois ela vai afetar não somente aquilo que se conta, mas também aquilo que se observa. Vou, para ilustrar e tornar isso mais claro, retomar um exemplo da etnologia.

Há uma controvérsia que agitou bastante os primatologistas há alguns anos, logo depois da descoberta, num bando de macacos langur, na Índia, de um evento que marcou fortemente os pesquisadores.⁶ Macacos machos adultos invadiram um grupo que havia sido composto por um macho e diversas fêmeas e, assim que este último partiu, massacraram os filhotes. O que deu lugar à seguinte teoria, amplamente difundida – cito:

[...] Nas espécies poligínicas, observações cada vez mais numerosas mostraram que quando um macho toma posse do harém de um predecessor eliminado, ele pode matar os filhotes, o que acelera o ciclo estral das fêmeas e lhe permite fecundá-las. Os filhotes serão, então, portadores de seus genes.

Nota-se uma coisa: começa-se com um termo relativamente neutro, as “espécies poligínicas”. Este termo significa simplesmente que um macho se acasala com diversas fêmeas, o que não tem nada de raro ou exótico. Mas isso se torna muito menos neutro quando o termo “harém” é evocado. Pois se ele pretende designar a mesma situação, o que ele significa, no entanto, muda radicalmente.

⁶ Essa controvérsia foi magistralmente analisada no livro de Amanda Rees, *The infanticide controversy: Primatology and the art of field science* (Chicago: Chicago University Press, 2009).

Vemos isso na frase em que o termo harém intervém: de uma só vez, quando se evoca o “harém”, fala-se do fato de que um macho “toma posse do harém”. Tem-se aí, portanto, com esse termo, toda uma história que se desenha.

Ora, essa história de harém e de macho que toma posse, e que é oriunda das observações, está ela própria ligada a uma história, que levou a essas observações: com efeito, o primeiro a reportar esses fatos de infanticídio foi um pesquisador japonês que trabalhava na Índia, Yakimaru Sugiyama. O infanticídio, explica ele, adveio na ocasião de mudanças sociais importantes no bando. Mas, se procurarmos um pouco mais, nos daremos conta de que essas mudanças sociais, na verdade, devem-se à iniciativa do próprio cientista. Elas dão sequência àquilo que ele chamou de uma “manipulação experimental” no bando. Sugiyama transferiu seu único macho desse grupo – o qual ele diz ser o macho dominante, soberano, que havia protegido e dirigido o harém – para outro bando, o qual, por sua vez, era bissexuado. Continuando essa manipulação experimental, segundo os termos de Sugiyama, outro macho entrou no bando do qual o primeiro havia sido retirado, tomou posse daquilo que o pesquisador chama de harém, e matou quatro filhotes.

Gostaria de me deter alguns instantes na maneira como as observações de Sugiyama foram formuladas. A semântica usada não é inocente; não somente ela traduz certas coisas, certos vieses teóricos, mas também induz à escolha de determinadas significações e, sobretudo, vai guiar não apenas aquilo que se observa, mas a forma como ligamos as observações entre si, as histórias que esses elos vão produzir, porque as histórias são, justamente, o produto dos laços que tecemos entre os acontecimentos que consideramos significativos e que adquirem seus significados estando inscritos e ordenados pelos vínculos que criamos.

Evocar o que aconteceu falando do macho que “toma posse do harém” e que substitui um “soberano dominante”, ele próprio “protegendo e dirigindo o harém” – estou apenas me alinhando com as escolhas semânticas de Sugiyama, que, por sua vez, adota a terminologia em uso – implica já, vocês hão de concordar, certo tipo de história.

A questão, portanto, não é criticar as palavras utilizadas, mas trabalhar numa perspectiva pragmática. Que tipo de narrativa esse gênero de metáforas, de palavras, implica? Ou, mais concretamente, poderíamos reestruturar a história utilizando outros termos? Será que outras palavras não tornariam essa história menos óbvia? Assim, o termo “harém”, que em geral designa um grupo composto por um macho que se acasala com várias fêmeas, é uma escolha semântica que implica um cenário particular, o de um macho dominante que exerce um controle sobre suas fêmeas. Ora, quem disse que os machos escolhem as fêmeas? Que eles se apropriam, que tomam posse delas e que eles são seus soberanos ou dominadores? Nada, a não ser esse termo “harém”, induz a essa significação.

Ora, outra maneira de descrever esse tipo de organização foi proposta, sobretudo por pesquisadoras feministas que trabalham no âmbito da hipótese darwinista da seleção sexual – segundo a qual são as mulheres que, na maioria dos casos, escolhem os machos. Para descrever este tipo de organização poligínica, essas pesquisadoras propuseram o seguinte cenário: se um único macho é suficiente para assegurar a reprodução, os machos, de toda forma, cuidando pouco dos filhotes, por que se preocupar em arranjar mais deles? Se um único é suficiente e permite manter os outros machos distantes, e, portanto, manter a paz e estabilidade num bando, as fêmeas têm, então, todo interesse em escolher um único macho em vez de se incomodar com outros indivíduos. Esta é uma escolha muito racional. Eis, portanto, uma história bem diferente dessa do harém, a qual também é válida, e que se mostra em consonância com a perspectiva darwiniana. E isso não tem mais nada a ver com proprietários e machos ciumentos. Isso explica também o fato de que se esse macho desaparecer, a paz e a estabilidade seriam comprometidas. As fêmeas tiveram, portanto, razão em se organizar de tal forma. E elas dificilmente poderiam prever que um pesquisador iria se meter nessa história, que não faz senão inverter a perspectiva da narrativa, obrigando-a a mudar sua própria estrutura; a história que descreve os efeitos da mudança de macho nada mais tem da evidência mediante a qual circulava. Não se trata mais também simplesmente de uma conquista de um macho estranho que se impõe, que toma posse e que manipula o

ciclo estral das fêmeas por meio do infanticídio interposto. E o infanticídio pode, então, receber outra explicação: não é mais motivo de um macho estrategista, mas relativamente primitivo e obcecado pelo fato de transmitir seus genes; ele se torna uma consequência de distúrbios sociais graves.

A escolha da história na qual se inscrevem as observações não tem, portanto, nada de inocente. Vemos que as matrizes narrativas sustentam a atenção para certas coisas e a inibem para outras. Enquanto nos focalizamos nessa história de harém e de conquista, não prestamos atenção ao que poderia acontecer como resultado das manipulações experimentais. *O fato de que o único homem do grupo tenha sido vítima de um sequestro.* Talvez ele fosse soberano, mas o que significa ser soberano: suscitar a deferência, laços afetivos, fazer reinar um clima de confiança? Se os langures tem opções diferentes – o que têm visivelmente, pois podem viver em grupos bissexuados ou poligínicos –, se a hipótese da escolha das fêmeas estiver certa, e que elas criaram elos muito particulares com aquele macho, e não com outro, podemos imaginar o trauma do bando. “Nosso macho foi levado por humanos que nos observam incessantemente”. Tudo, e qualquer coisa, pode, então, acontecer. As causas do infanticídio tornam-se, neste caso, muito mais contextualizadas. Elas obrigam a levar em conta o fato de que uma sociedade se constrói e se compõe no dia a dia, e isso pode, a qualquer momento, dar muito errado se seres humanos irresponsáveis se envolverem.

Claro que os pesquisadores vão, doravante, observar outros casos de infanticídio, agora, sem manipulação experimental. Mas esses casos, daí em diante, passam a ser lidos com a mesma história do harém. A matriz narrativa tornou-se, retomando um termo da semiótica, um molde narrativo, sempre a mesma história que exerce restrições muito fortes.

Outra pesquisadora, Phyllis Jay, também trabalhando com os langures, analisou os casos que haviam sido observados, e constatou que esses casos apresentavam dois pontos em comum, os quais a história do harém não permitia levar suficientemente em conta: por um lado, o fato de que a cada vez haviam existido alterações sociais muito rápidas e brutais em contextos de muito forte

densidade populacional; e, sobretudo, por outro lado, que muitos dos infanticídios observados, nota ela ainda, eram, de fato, acompanhados pela morte das fêmeas, a agressividade não controlada do macho não se orientando somente para os filhotes. Que motivo um macho teria, então, de matar as fêmeas das quais pretendia utilizar o potencial reprodutivo? Nenhum. Tudo isto seria, de fato, o resultado de condições patogênicas. Como vemos, a história é diferente e, sobretudo, convida a prestar atenção a fatos que até então não eram levados em conta, ou até mesmo não observados. O que havia se tornado um molde narrativo pode novamente se tornar matriz narrativa viva, se re-abrindo a outros acontecimentos, podendo fazer proliferar outros laços.

Depois deste longo desvio pela Índia, voltemos, se não se importarem, aos nossos carneiros e aos territórios que nos são familiares. E voltemos àquela 23ª vasilha distribuída a eles. Thelma Rowell conhece bem essa história toda sobre os langures, haréns e machos dominantes que acabei de relatar. Ela estudou os babuínos por um bom tempo, e viu que, quando seus colegas pesquisadores que também estudavam babuínos estavam impregnados por histórias de hierarquia, de dominância, de harém, de machos proprietários e fêmeas submissas, isso os conduzia a observar alguns fatos em vez de outros, a privilegiar certos eventos que se inscrevem justamente nessa história. E isso leva a não prestar atenção em outras coisas, nas situações pacíficas nas quais, aparentemente, nada (ou coisas tão insignificantes e menos espetaculares que não as notamos) está acontecendo.

E Rowell vai partir dessa simples aposta: se os animais tivessem escolha, seriam competitivos? Se o alimento for suficiente, será que eles ainda lutarão por ele? E essa aposta se baseia em outra experiência, oriunda de sua longa carreira de observadora: quando os animais se preocupam com seus laços, quando o contexto permite aos animais cuidar das relações que os unem, eles são bem mais interessantes, fazem coisas mais complicadas. O que Thelma propõe, com sua 23ª vasilha e ao dar comida extra para suas ovelhas, é outra história, a qual ela vai experimentar com eles: uma história em que a competição pode ser uma escolha, mas não é uma imposição. E essa história abre as margens de manobra dos

carneiros: eles, de fato, podem empurrar outro que está comendo numa vasilha, para dizer algo para ele, ou não (Alguns farão, outros não). Outras histórias começam, então, a emergir.

Conhecer bem e cuidar revelam-se, portanto, neste contexto, sinônimos. Tudo isso é, por fim, muito coerente com o projeto da pesquisadora: tratava-se de dar uma oportunidade para as ovelhas. E esta oportunidade exige atenção e tato. Trata-se justamente, por conseguinte, de uma ecologia da atenção e do tato, da criação de um ambiente favorável que permita aos carneiros mostrarem do que eles são capazes. E eles se mostrarão bastante capazes.

Assim, a Thelma pode revisitar as teorias que até agora não tinham dado muitas oportunidades aos carneiros. Dissemos que os carneiros não tinham amigos? Certamente. Mas todas as pesquisas tiveram como traço comum: trabalhar com rebanhos compostos somente para a pesquisa e nos quais os animais não se conheciam. Thelma Rowell vai dar um tempo mais longo para que eles se organizem. Pensava-se que suas interações se limitavam a conflitos em período de cio; o que acontece, sem dúvida, mas a razão disso aparece quando vemos a forma como os pesquisadores procederam: como os carneiros aparentemente não fazem nada em período normal, os cientistas os estudaram no momento em que certas coisas aconteciam. E, portanto, concluíram que eles não fazem nada muito importante além de brigar. Rowell vai, então, prestar atenção nesse “nada muito importante”, o que vai levar tempo, pois o tempo dos carneiros não é o mesmo que o nosso. E a maneira como eles criam laços, como os mantêm, não se parece necessariamente com a forma como nós fazemos isso. É preciso, então, imaginação. Criar elos entre acontecimentos que aparentemente não têm relação, mas que, se soubermos como aprender a lê-los e a conectá-los, mostram que as ovelhas estão incessantemente fabricando laços.

Um amigo meu, Raphaël Larrère, um sociólogo dos humanos que cuidam dos animais, propõe retomar, do filósofo François Lyotard, uma expressão muito bonita: temos que considerar os animais, diz ele, como “parceiros estranhos”. Imagine que você está jogando tênis com um desconhecido, e que este último

comece, por exemplo, a tentar jogar a bola sistematicamente por baixo da rede. Você terá duas opções: deixar a quadra se perguntando quem colocou aquele imbecil ali, ou, pelo contrário, continuar a jogar com curiosidade, tentando entender que jogo ele está jogando, por que joga daquela maneira e como o jogo pode se tornar interessante, surpreendente, quando se joga dessa forma. Pode-se fazer o mesmo com os animais. Ou consideramos, quando eles fizerem coisas estranhas, que são seres um pouco limitados e dizemos que, de fato, não são humanos; ou, pelo contrário, nos interessamos por essa estranheza e procuramos a forma de inteligência que ela traduz. Podemos criar laços por baixo das redes. Lembro-me de que estava com Thelma e os carneiros, e que, num dado momento, um deles se levantou e apontou o focinho para uma direção, como se estivesse farejando o ar. Novata em carneiros, claro que pensei que ele estava captando odores que deviam estar pairando no ar. Foi então que Thelma Rowell me fez compreender a que ponto os elos que tecemos entre os acontecimentos e as histórias que orientam nossas observações são importantes. Porque era necessário observar, ela me disse, o que havia acontecido vários minutos depois. Todas as ovelhas se levantaram e foram na direção indicada. Quando não se tem dedos para indicar uma direção para a qual se deseja que o grupo ande, ele usa seu focinho. Aquela era uma proposta de deslocamento.

E essas famosas brigas nas quais os carneiros vêm com violência bater frontalmente os chifres? Ah, disse ela, há uma boa dose de comédia aí. Olhe para o que acontece quando eles fazem isso. Isso faz um barulho terrível, e todas as fêmeas correm para ver, muito curiosas! O que é possível fazer para chamar e atrair a atenção quando não se tem mãos para bater palmas e reunir todo mundo? E, olhe, sobretudo, o que eles fazem depois do choque: esfregam a testa e as bochechas. Aprendi, disse Thelma Rowell, a reconhecer isso como um gesto de reconciliação. Pois só agem assim os carneiros que são amigos. É assim que, aliás, podemos aprender quem é amigo de quem. Porque os vínculos são importantes para os carneiros e eles diferenciam os amigos daqueles que não o são. E alguns fazem isso

até mesmo antes de brigar, num gesto de pré-reconciliação, como se estivessem dizendo: “Sim, vamos ter que brigar, mas ainda somos amigos”.

É aí que o trabalho dos cientistas, e as histórias que orientam e que são o produto deste trabalho, requer imaginação: compreender o parceiro estranho e dar-lhe o crédito de ter intenções e de atribuir significações. É preciso poder se perguntar quais regras o parceiro estranho segue e como, em seus próprios usos, ele produz laços, mostra aos outros que eles têm importância, comunica sem mãos, sem palavras, coisas às vezes muito complicadas.

Acabei de ler um ótimo artigo em que os pesquisadores fizeram a mesma pergunta aos corvos: eles têm amigos, fazem distinção entre um estranho, um simples conhecido, um familiar e um indivíduo com o qual relações privilegiadas foram criadas? Como poderíamos fazer num mundo de corvos? Os cientistas escutaram. Os corvos talvez sejam parceiros estranhos, mas, assim como nós – especialmente como eu, vocês diriam –, eles são muito tagarelas. Mas como ouvir? Como compreender, captar diferenças que fazem diferença para os corvos?

Eles os gravaram. E viram, em aparelhos ultrassônicos, que, os corvos não falavam de forma alguma da mesma maneira se estavam tratando com uma ou outra categoria. Sem entrar em detalhes muito técnicos, os cientistas notaram que o ritmo das vocalizações não era o mesmo quando respondiam ao grito, também gravado, de outro corvo – desconhecido, familiar ou amigo: os corvos reconhecem com quem estão lidando pelo grito gravado, e respondem jogando com os silêncios e com o ritmo, que é muito mais caótico se o choro do corvo ao qual nós os confrontamos é de um estranho.⁷

Conhecer bem requer tato e atenção. Conhecer bem requer que cessemos de retomar as histórias que criamos para que vislumbremos o que elas propõem, o que prometem, como e a que elas nos tornam mais sensíveis, o que silenciam ou tornam invisível, e o que não podem conectar.

⁷ BOECKLE, Markus; BUGNYAR, Thomas. “Long-Term Memory for Affiliates in Ravens” In: *Current Biology* – Vol. 22. Philadelphia: Elsevier Inc., 2012, p. 801-806 (Disponível em: [http://www.cell.com/current-biology/abstract/S0960-9822\(12\)00310-7](http://www.cell.com/current-biology/abstract/S0960-9822(12)00310-7), Acesso em 02/04/2016).

Os animais, diz muito bem o historiador Gary Shaw, são agentes secretos. Muitas vezes é difícil considerá-los como verdadeiros atores, verdadeiros agentes das ações que realizam. Por vezes temos a impressão de que são gestos instintivos, maquinais, sem intenção real ou significado, como um carneiro que cheira o ar ou um corvo que grasna e que parece somente gritar. São parceiros estranhos e agentes secretos, aos quais foi preciso que os cientistas aprendessem a responder desenvolvendo tesouros da imaginação. É por isso que gosto das ciências e dos cientistas, e como aprendi a amar seus animais, esses agentes secretos, esses parceiros estranhos.

É também por isso que as histórias ainda são importantes. Havia mencionado no início, que a antropóloga Deborah Rose dizia que, nesses tempos de extinção, precisamos de outras histórias para nos ensinar a mudar nossa relação com o mundo, torná-lo menos violento, menos mecânico, menos dominador. Histórias que não seriam mais restritas a padrões econômicos ou de guerra. Esta será a minha última história nesta noite.

Acabei de ler com paixão o trabalho de dois historiadores das ciências, o qual me permite concluir, retomando os dois temas que guiaram minha proposta: o da importância das histórias e de como as escolhemos, construímos, e o da importância dos laços do mundo vivo: tudo está ligado, e tudo não é nada além de laço possível, às vezes até mesmo quando não se espera encontrar um laço.

O filósofo Gilles Deleuze e o psiquiatra Félix Guattari escreviam, com uma precisão notável, que quando os seres têm raízes, há sempre um lado de fora, um exterior, com a qual esses seres formarão rizomas com outra coisa, com o vento, com um animal, ou até mesmo com seres humanos. Assim é a vida. E como vimos com o exemplo estranho que abriu minha conferência, se isso começa com a vida, não termina necessariamente com ela.

As pesquisadoras Carla Hustak e Natasha Myers propõem que se considere as relações entre os animais, as plantas e os seres humanos sob o regime da

involução, que completaria o da evolução.⁸ De acordo com as teorias da ecologista especialista em microbiologia ambiental Lynn Margulis, e inspiradas nas propostas Deleuze em pensar uma involução criadora, elas insistem no fato de que é preciso entender bem o “e” no termo *evolução*, que indica o fato de ir para outro lugar e que designa, em particular no caso das teorias biológicas da história do ser vivo, a ideia de separação, de divergências, e que traça o nascimento das espécies novas. (Donde o modelo da árvore, feita de separações e de distanciamento de cada ramo sobre o modelo de filiação). A involução, longe de designar a ideia de regressão (significado que ela adquire em outros contextos), indica, antes, o fato de que várias espécies se voltam umas para as outras, recriam novas relações, novas trocas que as modificam, e participam da história da vida e da invenção dos seres. Ali onde a evolução funciona no modo de filiação e da separação, a involução traduz o regime da colocação em relação do voltar-se para o outro, da coevolução e da afinidade. Núpcias contra a natureza, dizia o filósofo Deleuze.

Para apoiar essa ideia de que a história do ser vivo é tanto uma história de involução quanto de evolução, as duas pesquisadoras vão se dedicar aos dados mais recentes da química ecológica reconectando-os ao que Darwin escrevia em seu estudo sobre as relações entre as orquídeas e os insetos polinizadores. Por que esse retorno a Darwin? Porque elas encontram em seus escritos e sua prática uma verdadeira matriz narrativa que permite romper com o regime do molde narrativo das pesquisas contemporâneas. Porque Darwin havia sido capaz de ver a relação das flores e dos insetos na chave das afinidades, dos laços, da sensualidade das relações.

Porque os dados recentes da química ecológica, observam as duas pesquisadoras, tendem a ser inscrever sempre num mesmo cenário, numa mesma história, que exerce certos tipos de restrições, um pouco como aquelas de que lhes falei, especialmente com relação ao harém.

As orquídeas, não estou dizendo nenhuma novidade, coevoluíram com os insetos polinizadores porque isso constituiu para elas a única forma de se

⁸ HUSTAK, Carla; MYERS, Natasha. “Involutionary Momentum: Affective Ecologies and the Sciences of Plant/Insect Encounters” In: *Différences – Vol. 23, 3*. Providence: Brown University, 2012, p. 74-118.

deslocarem. E esse deslocamento, num dado momento, se inventou no decorrer da história das orquídeas, pois isso constituía um meio de criar vínculos com outras orquídeas. Podemos já, a partir daí, construir duas histórias, que não são em nada incompatíveis, mas cada uma insistirá numa maneira de considerar a estratégia das orquídeas e dos insetos: por um lado, na primeira história, podemos dizer que a estratégia é a das orquídeas, e que ela permite evitar a autopolinização ou favorecer a reprodução por inter-fecundação; por outro lado, porém, e essa é a outra história, pode-se conferir um papel ativo aos dois agentes secretos, orquídeas e insetos colhedores, e considerar que esta opção narrativa nos lembra que a vida é relação: não somente relação com outras plantas por meio de um inseto, mas também relação com os insetos, uma relação sensual, afetiva no sentido amplo do termo, uma relação por meio da qual os seres se afetam – o que Darwin já chamava de uma *rede inextricável de afinidades*. As duas pesquisadoras vão escolher explorar esta segunda via, pois, dizem elas, as histórias são importantes, elas guiam nossas maneiras de pensar o mundo e de fazer uso dele. Ambas também observaram que essa versão havia tido poucas oportunidades de ser explorada nos últimos tempos, pois os cientistas, presos em modelos econômicos e aparentemente mais racionais, insistiram mais no fato de que as flores – como agentes econômicos racionais e calculistas, que maximizam seu potencial reprodutor – enganavam os insetos, que, por sua vez, são apenas vítimas passivas de estratégias destinadas a explorá-los.

Considerar essa história sob o signo de uma involução exige que nos interessemos, como Darwin fez, pela troca sensual entre a planta e o animal, pela maneira como eles coevoluíram juntos, aprendendo a seduzir um ao outro, a nos tornar sensíveis um ao outro. Seria essa uma versão mais antropomórfica do que aquela que faz da planta um ser determinado por imperativos de tipo econômico, traduzidos em biologia pelo objetivo de propagar seus genes? Não acredito nisso. Mas isso conta outra história, outra maneira de pensar os laços e os relacionamentos, sua inventividade e sua importância. São momentos de involução, de encontros estranhos entre parceiros estranhos que aprenderam a entrar em acordo, a se entender por meio dos odores e da química da sensualidade.

Esses momentos de involução são aqueles que transbordam amplamente o quadro estrito da sobrevivência e da reprodução: são aqueles que marcam os momentos de improviso, de esperteza, de experimentações criadoras de novos laços e de novos relacionamentos. Nesta perspectiva, a história dos seres vivos não se parece mais com uma árvore em que cada ramo se separa dos outros de forma clara e definitiva, mas, antes, uma rede estreita de laços que tecem relações constantes, e que remodelam os seres nessas relações. É uma ecologia curiosa e afetiva, uma ecologia em que os seres exploram devires inéditos, em que se afetam incessantemente uns aos outros, numa coreografia feita de cooptação, improvisações arriscadas e arranjos, de repulsa, de afinidades e rupturas, de entrelaçamentos, de organismos que constantemente inventam e improvisam novas formas de viver com ou ao lado de outros organismos.

É, e essas serão minhas últimas palavras, o que gosto de chamar para descrever a prática de alguns etólogos que se transformam com seus animais: um “tornar-se com”, um “tornar-se com” que leva a um “tornar-se junto” com aliados multissensoriais, parceiros estranhos, agentes secretos. E é isso que tece nossas vidas com eles.



chão da feira

Este é o Caderno de Leituras n.45, publicado em maio de 2016. Outras publicações disponíveis em www.chaodafeira.com

"Este Caderno de Leituras foi realizado com recursos da Lei Municipal de Incentivo à Cultura de Belo Horizonte. Fundação Municipal de Cultura."